



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JORRANA FERREIRA DE MELO

O “CASO DO VESTIDO”: UMA DENÚNCIA DA CONDIÇÃO FEMININA

**CATOLÉ DO ROCHA
2016**

JORRANA FERREIRA DE MELO

O “CASO DO VESTIDO”: UMA DENÚNCIA DA CONDIÇÃO FEMININA

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Andréa Morais Costa Bühler.

CATOLÉ DO ROCHA
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M528c Melo, Jorrana Ferreira de.

O "Caso do vestido" [manuscrito] : uma denúncia da condição feminina / Jorrana Ferreira de Melo. - 2016.
39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Andréa Morais Costa Bühler,
Departamento de Letras e Humanidades".

1. A Rosa do Povo. 2. Caso do vestido. 3. Condição
feminina. I. Título.

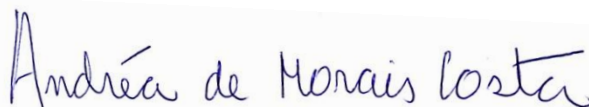
21. ed. CDD 801.95

JORRANA FERREIRA DE MELO

O “CASO DO VESTIDO”: UMA DENÚNCIA DA CONDIÇÃO FEMININA

Aprovado em: 19 de outubro de 2016.

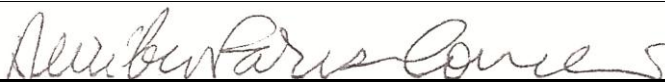
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Andréa Moraes Costa Bühler (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, que, mesmo diante de minha fé falha, sei que me ama incondicionalmente e sei que está presente em minha vida, nos momentos de luta e de vitória.

A toda minha família que partilhou comigo o sonho da formatura, em especial à minha mãe, Dona Raimunda, ao meu pai, Seu Pedro, e à minha irmã, Dirce Maria. Obrigada pelo carinho, proteção, força e incentivo ao longo dessa jornada. Vocês são o melhor de mim.

Ao meu namorado e melhor amigo, Lailson Filgueiras, pelo seu imenso carinho e por sempre me lembrar que sou capaz de alcançar os meus objetivos. À minha amiga e companheira de faculdade, Vanuza Saraiva, pelas boas risadas e pelo apoio.

À minha orientadora, Andréa Morais, por me mostrar o caminho certo e as possibilidades de crescimento pessoal e acadêmico, pela paciência, pelo carinho e por acreditar que sou capaz de ir além. Ao meu amigo, Marcos Rosendo, pelos conselhos e pelas contribuições durante esse percurso.

Por fim, agradeço aos meus amigos, colegas, professores e a todos que direta ou indiretamente torceram e contribuíram para que eu chegasse até aqui. Muito Obrigada!

“Se ainda não passei pela vivência de uma sensação, o conceito abstrato que a designa não evoca lembranças suficientes para identificar o que se passa com o outro.”

Wittgenstein, 1975.

RESUMO

A leitura do poema “Caso do Vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado no livro *A Rosa do Povo*, permite observar que há diferenças no que diz respeito aos papéis sociais assumidos pelas figuras masculina e feminina. Em síntese, o poema se insere no horizonte composicional da denúncia social, uma vez que problematiza as relações familiares e destaca o sofrimento feminino pela opressão do patriarcado. Pensando esse contexto, surge o questionamento: de que modo a figura feminina é construída no poema “Caso do Vestido”? Diante disso, o presente trabalho, de cunho descritivo-qualitativo, teve por objetivo analisar a construção da identidade da mulher/mãe nesse poema drummoniano. Buscamos, principalmente, em Antonio Candido (1995; 2014), Theodor Adorno (1982; 1983; 1988), Jaime Ginzburg (2012), Cristiano Jutgla (2008), Iumna Simon (1978), Michelle Perrot (2015) e Del Priore (1994), os postulados que embasaram teoricamente as reflexões construídas ao longo da pesquisa. Realizada a análise, foi possível constatar que a construção submissa e pacífica da mulher no seio familiar no contexto do “Caso do Vestido” não decorre de uma condição biologicamente orientada, mas essa foi construída sócio e historicamente pela civilização ao longo dos anos.

Palavras-chave: A Rosa do Povo; Caso do Vestido; Condição Feminina.

ABSTRACT

The reading of the poem "Caso do Vestido", by Carlos Drummond de Andrade, published in *A Rosa do Povo*, allows us to observe that there are differences regarding the social roles played by males and females. In short, the poem is within the compositional horizon of social denunciation, because it discusses family relationships and highlights the female suffering due to the patriarchal oppression. Thinking this context, the question arises: how is the female figure represented in the poem "Caso do Vestido"? Thus, this descriptive and qualitative study aimed to analyze the woman/mother's identity representation in this drummond poem. We seek mainly in Antonio Candido (1995; 2014), Theodor Adorno (1982; 1983; 1988), Jaime Ginzburg (2012), Cristiano Jutgla (2008), Iumna Simon (1978), Michelle Perrot (2015) and Del Priore (1994), postulates that theoretically gave bases to reflections made during the research. Performed the analysis, it was found that the submissive and peaceful construction of women within the family in the context of "Caso do Vestido" is not due to a biologically oriented condition, but one socially and historically constructed by civilization over the years.

Keywords: A Rosa do Povo; Caso do Vestido; Women Condition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
2 A ROSA DO POVO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA DE COMPROMISSO DE DRUMMOND	10
2.1 O sujeito lírico em <i>A Rosa do Povo</i> : algumas configurações	15
3 (DES) COSTURANDO O VESTIDO: UMA DENÚNCIA DA CONDIÇÃO FEMININA	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

Até que ponto a literatura e a sociedade estão relacionadas? Este questionamento já suscitou inúmeras hipóteses e extensas discussões. Até certo período, consideravam-se os aspectos sociais chave para compreender o valor da obra. Em outro momento, depois que essa hipótese foi desconsiderada, acreditava-se que a relevância da obra partia de estruturas formais, o seu valor era desvinculado de condicionamentos sociais, sendo estes secundários. Para melhor compreender essa relação, buscamos o entendimento de Antonio Candido (2014, p. 13) em seu ensaio “Crítica e Sociologia” onde o autor pontua que só poderemos entender a obra “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”. Nesse sentido, o social se torna imanente à obra, desempenhando um determinado papel em sua construção e não como único elemento constitutivo.

Para dialogar com essa reflexão, cabe situar que “os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como os problemas imanentes de sua forma” (ADORNO, 1988, p. 16). Para Adorno, as tensões do contexto motivam a elaboração formal da obra, neste caso, a poesia lírica. Temos a exemplo disso o livro *A Rosa do Povo* (1991), de Carlos Drummond de Andrade, publicado pela primeira vez no ano de 1945, onde sua leitura, aliada às reflexões sobre o contexto de sua produção, no caso, a atmosfera do autoritarismo do Estado Novo no contexto brasileiro e o impacto da Segunda Guerra Mundial em uma escala mais ampla, possibilita averiguar “que o livro traz em si um diálogo crítico com a violência e a repressão de seu tempo” (GINZBURG, 2012, p. 294). Essas breves reflexões sobre literatura e meio social nos servem como chave para compreender a obra do poeta mineiro como uma produção artístico-social, pois entendemos que Drummond alcança em sua obra um equilíbrio entre o estético e a dimensão ética, a forma servindo a representação das forças sócio-históricas e estas servindo ao trabalho com a linguagem.

Uns dos traços dominantes que urdem a obra de Drummond são a composição de poemas longos, a utilização do verso livre e o caráter de engajamento sócio-político que este livro enfeixa. A denúncia político-social aparece em vários de seus poemas, como por exemplo, “Nosso Tempo”, “Morte do Leiteiro”, “Vida Menor” e “Idade Madura”. Aderindo a uma métrica mais regular, com 150 versos heptassilábicos (redondilha maior) e 75 estrofes em dísticos, temos o poema “Caso do Vestido”, *corpus* de nossa pesquisa, que se desenvolve seguindo uma estrutura rítmica dramática, principalmente pelo recurso da gradação.

Uma leitura mais atenta desse poema drummoniano nos permite identificar que há diferenças no que diz respeito aos papéis sociais assumidos pelas figuras masculina e feminina.

Em síntese, o poema se insere no horizonte composicional da denúncia social, uma vez que problematiza as relações familiares e destaca o sofrimento feminino pela opressão do patriarcado. “Caso do Vestido” está construído numa tensão dramática crescente, através da qual se podem acompanhar as forças contraditórias que marcam o drama feminino na figura representativa da mãe dedicada e esposa traída. Drummond toma em mãos a problemática da desigualdade de gênero em uma sociedade marcada pela dominação patriarcal e dá visibilidade através de uma poesia engajada com os aspectos político-sociais.

Pensando esse contexto, surge o questionamento: de que modo a figura feminina é construída no poema “Caso do Vestido”, de Carlos Drummond de Andrade? A partir disso, o presente trabalho tem por objetivo analisar de que modo é construída a identidade da mulher no poema drummoniano em questão. Importante situar que a análise pautar-se-á, principalmente, sobre os aspectos temáticos e ideológicos presentes, não obstante a isso, considerações sobre a construção formal do poema serão realizadas. Norteadas por alguns estudos da área e partindo do entendimento de que as construções sociais dos indivíduos não decorrem de uma condição biologicamente orientada, uma possibilidade para pensarmos a condição feminina no poema de Drummond é que essa foi determinada sócio e historicamente.

Aderindo a uma metodologia de cunho descritivo-qualitativo, o nosso estudo adota um percurso investigativo que aborda o teor social e político do poema do escritor mineiro. Para realizar análise do poema drummoniano em questão, deixamos de lado a posição idealista que sustenta uma igualdade homogênea da condição humana, seja ela relacionada aos fatores históricos, culturais e sociais, uma vez que, conforme coloca Ginzburg (2012, p. 30), “as condições de existência não são as mesmas para homens e para mulheres, para patrões e para empregados, para brancos e para negros, para heterossexuais e para homossexuais”. Sabe-se da existência de sistemas repressivos funcionando na sociedade brasileira, na qual estabelecem de modo hierárquico diferenças, normas políticas e construções morais que, articuladas nos espaços sociais, atuam com função dominadora e subordinadora.

Para entendermos as relações de dominação e subordinação que cerca o par homem/mulher, necessárias para nossa pesquisa, bem como suas construções histórico-sociais e culturais, buscamos, principalmente, em Simone de Beauvoir (2009), escritora que inicia os estudos feministas, as reflexões necessárias para tal entendimento. Buscamos ainda em Theodor Adorno (1982; 1983; 1988), Jaime Ginzburg (2012), Cristiano Jutgla (2008), Iumna Simon (1978), Michelle Perrot (2015), Del Priore (1994), entre outros autores, os postulados teóricos que embasarão a nossa pesquisa. Esses autores trazem em seus estudos reflexões sobre as práticas de subordinação e dominação que marcaram (e marcam) a formação social no contexto

brasileiro, as construções históricas, culturais e sociais que determinaram ao longo da história a formação da identidade feminina, e as relações existentes entre a poesia lírica e o contexto autoritário de sua produção.

A presente pesquisa segue estruturada em dois capítulos: “*A Rosa do Povo*: algumas considerações sobre a escrita de compromisso de Drummond”, no qual discorreremos sobre o contexto de produção da obra do poeta mineiro, bem como suas implicações, e “(Des) Costurando o Vestido: uma denúncia da condição feminina”, onde será realizada a análise da condição feminina no poema “Caso do Vestido”, apoiada nas orientações teóricas anteriormente situadas. Temos, ainda, nossas últimas considerações. Por fim, entendemos a relevância deste trabalho enquanto uma contribuição para os estudos em torno da obra *A Rosa do Povo* e do poeta Carlos Drummond de Andrade, bem como sobre as reflexões em torno das relações humanas e sociais.

2 A ROSA DO POVO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA DE COMPROMISSO DE DRUMMOND

Cabe iniciar nossa reflexão pensando o contexto de produção da obra *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, publicada em 1945. As experiências históricas que marcaram esse contexto foram o totalitarismo do Estado Novo no Brasil e, numa escala mais ampla, o impacto gerado pela Segunda Guerra Mundial. A leitura do livro, aliada a essas reflexões, permite observar a existência de um diálogo crítico com a violência traumática e a experiência de guerra. Estudos realizados por críticos literários apontam para a obra do poeta mineiro como um livro engajado com os problemas sociais, “voltado para a militância” (GINZBURG, 2012, p. 293). Tem-se na poesia drummoniana desse tempo uma visão vigilante dos problemas ideológicos, sociais, políticos e intelectuais que permeavam o ambiente brasileiro.

O Estado Novo, instituído no Brasil em outubro de 1930 por meio de um golpe, constituiu um “período que se caracteriza, em linhas gerais, por um processo de centralização política, manutenção das diferenças de classe, gênero e etnia, bem como pela construção de imagens ufanistas e totalizadoras” (JUTGLA, 2008, p. 9). O livro de Carlos Drummond de Andrade enfeixa a constituição do sujeito lírico em meio a esse ambiente repressivo. As ideias presentes em *A Rosa do Povo* não se associam com a política vigente da época, e apresenta um diálogo de resistência àquele quadro político de modernização conservadora das décadas de 1930 e 1940.

Com as guerras e o regime autoritário envolvendo o contexto do Brasil naquele período, havia na vida social e cultural a circulação de ideias excludentes, preconceituosas e opressivas que conversavam com o projeto ideológico de um país hegemônico. O Brasil estava aberto para a circulação e afirmação dessas ideias autoritárias, principalmente entre os segmentos econômicos e políticos. A produção poética de Drummond em *A Rosa do Povo* é voltada “para a experiência histórica traumática de seu tempo” (GINZBURG, 2012, p. 296) e, mergulhado nesse momento histórico, tem-se a elaboração de sujeitos líricos conscientes dos impasses presentes na sociedade brasileira.

Embora a palavra de ordem para os intelectuais e artistas brasileiros fosse trabalhar de forma combativa com a linguagem, fazendo da arte um instrumento de engajamento político contra a violência do totalitarismo e a favor dos direitos humanos, o contexto no qual circulavam os textos do poeta mineiro era problemático e contraditório. Havia uma relação de interesse entre Estado e intelectuais e artistas, pois, essa aproximação constituía um caminho pertinente para colocar em prática o projeto estadonovista, de base autoritária e excludente.

Tem-se, por exemplo, as produções de Oliveira Vianna, Gustavo Barroso e Miguel Reale, nomes conhecidos e prestigiados no espaço intelectual desse tempo, que colaboravam para a disseminação de ideias racistas, antissemitas e fascistas, respectivamente.

Um dos ideólogos do projeto político de Getúlio Vargas, Francisco Campos, era defensor da ideia de um regime governamental onde o país fosse comandado por um único líder. Para Francisco Campos “só um regime forte, dirigido pela vontade pessoal de um chefe como Vargas, aclamado pelo povo, poderia conduzir à salvação nacional, reconstruindo uma nova república” (CARNEIRO, 1995, p. 147). Trata-se de um ideólogo fascista que defendia uma nacionalidade homogênea para o país. Diante disso, percebe-se que Drummond “teve de lidar com uma forte tensão ideológica no ambiente intelectual brasileiro” (GINZBURG, 2012, p. 317) e elaborou uma obra que converge com os discursos ideológicos articulados por esses nomes.

Grande parte do público letrado que corroborava com esses valores do Estado Novo era formada “por pessoas de educação bacharelesca, conservadora, ligadas a oligarquias e a partidos políticos tradicionalmente no poder” (JUTGLA, 2008, p. 66). Tratava-se de discursos autoritários legitimados por homens cultos, onde obtiveram, no espaço intelectual, credibilidade e prestígio. Ginzburg (2012, p. 318) escreve que

[...] o país estava bastante aberto a ideias como essas. [...] Isso consiste em um referencial decisivo para pensar as condições de recepção de Drummond. O poeta escrevia para um público leitor em que ideias racistas, antissemitas e voltadas para o estímulo da violência e a exclusão estavam em prestígio.

O movimento de modernização tecnológica e econômica que envolvia o país nesse período, embora acompanhado pela conservação das relações sociais e mantendo a ideia de opressão e desigualdade, exigia uma legitimação de produções intelectuais, acrescenta Ginzburg. Fica perceptível, nesse sentido, que as produções de nomes como Oliveira Vianna, Gustavo Barroso, Miguel Reale e Francisco Campos tinham força de disseminação naquele contexto. Embora estivesse diretamente ligado ao aparelho estatal, pois se tornou chefe de gabinete de Gustavo Capanema, ministro da educação no governo Vargas, Drummond não elaborou uma obra que compactuasse com os ideais do regime autoritário.

Um exemplo dessa não ressonância dos ideais do Estado Novo em *A Rosa do Povo*, aponta Jutgla (2008), está na negação de imagens e conceitos massificadores divulgados continuamente pelo regime político de então, tais como: nação, progresso, pátria, trabalho. Esse movimento constitui um “ato discursivo que, por meio da condição negativa e melancólica de

seu sujeito lírico, significa rejeitar uma concepção totalizadora e homogênea do mundo” (JUTGLA, 2008, p. 36). Os poemas de Drummond seguem uma vertente de luta e de resistência frente ao autoritarismo no Brasil e na Europa. O embate é contra a ideologia do processo de desenvolvimento capitalista que divide, segrega, exclui e que uniformiza os discursos autoritários do regime governamental.

Vários dos poemas presentes em *A Rosa do Povo* vêm reafirmar esse caráter de resistência, como por exemplo, “A flor e náusea”, “Anoitecer”, “O medo”, “Idade Madura”, “Morte no avião”, “Vida menor” e “Áporo”. Nesses poemas têm-se o diálogo crítico e reflexivo sobre a constituição do sujeito lírico em um ambiente hostil e de condições precárias advindas do processo de modernização no contexto brasileiro. Diante disso, é possível afirmar que o poeta mineiro “estabeleceu um diálogo crítico, lúcido e articulado, marcando sua contrariedade com relação aos discursos autoritários que recebiam reverência dentro da elite econômica e política” (GINZBURG, 2012, p. 315).

Em 1930 surgiam as primeiras produções do poeta, a exemplo de *Alguma Poesia e Sentimento de Mundo*, com sua poesia engajada, circulando nesse contexto marcado intensamente por ideologias autoritárias, destinadas a um público leitor não preparado para seus versos. Acerca da figura do poeta mineiro, Ginzburg (2012, p. 316-317) escreve que

Tendo convivido com Gustavo Capanema e participado do centro da vida política brasileira no governo de Getúlio Vargas, conseguiu obter reconhecimento como responsável por poesia de resistência. [...] Além de ter uma percepção aguda dos movimentos contraditórios do contexto histórico em que foram definidas suas condições de produção, Drummond teve, em sua experiência como cronista e como poeta, uma autonomia de pensamento difícil de construir em um período violento como o Estado Novo.

Para Ginzburg, a consagração da *A Rosa do Povo* representa a capacidade do poeta mineiro de enfrentar desafios extremos, principalmente pela intensa relação de interesse entre Estado e intelectuais entendida, por alguns sociólogos, como um jogo de interesses, favores, trocas e, até mesmo, alienação. O próprio Carlos Drummond de Andrade, em *O Observador no Escritório* (1985), comenta sobre a dificuldade de relacionar interesses políticos e convicções pessoais, pois quer “ser um intelectual político sem experimentar as impurezas da ação política” (ANDRADE, 1985, p. 31). Drummond estava inserido na máquina estatal, mas sua produção se relacionava com as políticas do regime autoritário no qual estava inserido, ou seja, a sua presença no regime varguista não implicou uma adesão ao regime autoritário.

Essas ideologias autoritárias, brevemente comentadas, somente passam a entrar em descrético após o encerramento do Estado Novo e com o fim da Segunda Guerra Mundial. Em 1945 é publicado *A Rosa do Povo*, livro no qual Drummond compõe principalmente de uma poesia social que o sujeito lírico capta e revela em suas diversidades temáticas e técnicas. Toda a obra comporta representações das inquietações que marcaram (e marcam) a sociedade brasileira. O poeta reflete sobre o passado, o tempo, o amor, o cotidiano, o medo, a vida, situando o contexto de produção de sua obra e sugerindo reflexões existenciais. Em sua tese, “Lírica e Autoritarismo em *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade”, Jutgla (2008) compreende a obra do poeta enquanto uma produção literária elaborada a partir de diversas estratégias discursivas de resistência do sujeito lírico dentro de um ambiente com poucos caminhos para contestação.

Sobre *A Rosa do Povo*, Ginzburg (2012, p. 325-326) endossa que nessa obra Drummond

[...] propõe uma sólida, fundamental e inquietante reflexão sobre a formação social brasileira. Situa o leitor descontinuamente nas dimensões do espaço e do tempo, mapeando tensões ideológicas que se movem à sua volta, atingindo diretamente as condições de existência social. Ao mesmo tempo, propõe uma configuração do sujeito [...] na incerteza e na finitude, em que as possibilidades de compreensão e domínio da experiência são ameaçadas pela reificação capitalista, pelo horror implantado na política e pela percepção das ruínas deixadas no passado.

Em síntese, o que encontramos em *A Rosa do Povo* é a habilidade drummoniana de articular os problemas ideológicos do Brasil com elementos da poesia, através “de um conjunto de recursos expressivos de rara qualidade estética” (GINZBURG, 2012, p. 326). A banalidade do mal, a desigualdade social, a desumanização e a perversidade são retratadas na obra em questão como resultado de uma sociedade que caminha para a modernização e o desenvolvimento capitalista sob ideias e políticas autoritárias e excludentes. Ao mesmo tempo em que põe em evidência o profundo mal-estar da sociedade brasileira naquele período, o poeta procura, através da poesia, uma mudança e amadurecimento das instituições e práticas sociais. Não adotando uma perspectiva idealista, mas “optando por uma linha de elaboração profundamente melancólica” (GINZBURG, 2012, p. 311), o livro ratifica uma produção marcada pela experiência de guerra.

Discorrendo sobre o caráter militante da poesia de Drummond em *A Rosa do Povo*, Simon (1978, p. 53) escreve que na obra

[...] o poeta atinge o clímax da prática participante – já esboçada em *Sentimento do mundo* (1935- 1940) quando o “tempo presente” se instaura como matéria do poema – ao mesmo tempo que atinge a consciência mais profunda da “crise da poesia”. Isso não quer dizer que em outras fases de sua obra não se verifique essa tensão. Porém, é neste livro que o conflito adquire sua dimensão mais angustiada: da consciência dividida entre a fidelidade à poesia e a necessidade de torná-la instrumento de luta e de participação nos acontecimentos de seu tempo.

Para a autora, a tensão presente na obra deve-se ao fato do poeta buscar formas de expressão para sinalizar os problemas e conflitos políticos e sociais existentes. Em diálogo com Simon, Gledson (1981, p. 163) escreve que na obra em questão “Drummond está consciente da importância e do alcance de sua poesia, da sua capacidade de refletir o mundo contemporâneo, de exprimir os sentimentos não só dele mesmo como também de seus semelhantes”. Para ambos os autores, o poeta mineiro estava consciente dos impasses de seu contexto e a produção de *A Rosa do Povo* discute esses impasses sob cunho participativo e político, retomando em seus versos os sentimentos coletivos disseminados por causa da repressão autoritária.

Manifestação dessa consciência política pode ser observada em entrevista concedida a Ary de Andrade, quando o próprio Carlos Drummond de Andrade comenta que arriscado “é a volta às velhas formas burguesas de expressão, à literatura água de flor laranjeira, anódina e inconsequente, ou simplesmente acadêmica. Este perigo é tanto maior quanto muitos escritores entre nós, não racionalizaram perante os fatos políticos (BRAYNER, 1978, p. 34). O poeta menciona sobre a valorização do surrealismo, a relação existente entre texto e contexto, e a ruptura das formas tradicionais de expressão, ao mesmo tempo em que delineia seu posicionamento referente à participação política na literatura, apontando para o perigo existente na vida intelectual brasileira de não raciocinar e discutir a situação problemática e histórica do país.

Consagrada entre as produções poéticas do Brasil por marcar um diálogo crítico do sujeito lírico com questões históricas de grande impacto, no caso, o regime autoritário entre as décadas de 30 e 40 no Brasil e na Europa, a obra drummoniana, que contempla 55 poemas escritos entre 1943 e 1945, em suas dimensões formais e temáticas é elaborada como resposta às mudanças e transformações sociais, políticas e econômicas no espaço brasileiro devido ao movimento de modernidade conservadora da ideologia capitalista. Distanciando-se de um modelo discursivo panfletário, o poeta mineiro alcança uma poesia social de alta qualidade, apontam seus estudiosos, praticando “um lirismo social e mesmo político de grande eficácia” (CANDIDO, 1995, p. 117).

2.1 O sujeito lírico em *A Rosa do Povo*: algumas configurações

Necessária para nossa reflexão é a concepção do sujeito na poesia lírica. A elaboração formulada na *Estética* (1993) de Hegel aponta para um sujeito lírico dotado de uma totalidade subjetiva, o autor considera a lírica enquanto expressão da subjetividade. Diferente dessa concepção hegeliana, idealista e romântica, Theodor W. Adorno, um dos pensadores da Escola de Frankfurt, defende a concepção de um sujeito incompleto e em construção, em vista dos antagonismos não resolvidos que a História apresenta (ADORNO, 1982), se distanciando, dessa maneira, da totalidade subjetiva elaborada por Hegel. Em Adorno, pesa sobre a construção subjetiva do sujeito lírico a opressão de uma sociedade marcada por conflitos gerados, principalmente, pelo capitalismo industrial. O que entra em jogo na *Dialética Negativa* (1982) são os impasses da experiência histórica.

Em seu ensaio “Lírica e Sociedade” Adorno (1983, p. 195) escreve que a poesia lírica deve ser entendida como um

[...] protesto contra um estado social que todo indivíduo experimenta como hostil, alheio, frio, opressivo [...] A idiosincrasia do espírito lírico contra a prepotência das coisas é uma forma de reação à coisificação do mundo, à dominação de mercadorias sobre homens que se difundiu desde o começo da idade moderna e que desde a revolução industrial se desdobrou em poder dominante da vida.

Elaborada dentro de um contexto marcado intensamente por condições existenciais desumanas e ameaçadoras, advindas do capitalismo industrial, a poesia, nessa perspectiva adorniana, deve ultrapassar a linguagem convencional, subvertendo o modelo de individualismo burguês formulado. Tem-se, pois, a impossibilidade para a idealização de uma totalidade subjetiva do sujeito lírico em vista da dinâmica opressiva que o capitalismo industrial alimenta. Além desse movimento, Adorno elenca o surgimento dos regimes autoritários como outro elemento importante para pensarmos a elaboração desse sujeito, uma vez que esses regimes marcam a ascensão de políticas ditatoriais e opressoras. O idealismo de Hegel cede lugar aos conflitos não resolvidos que a História apresenta.

Para entendermos a construção do sujeito lírico na poesia drummoniana em *A Rosa do Povo*, adotaremos a concepção formulada por Adorno. Se pensarmos a formação social do Brasil, desde a colonização até o contexto de produção da obra de Drummond, é possível observar que o país foi construído, paradoxalmente, sob o viés da destruição. Tem-se a exploração colonial, o movimento escravagista e o regime autoritário responsáveis por

massacres, explorações, mutilações, agressões, mortes, torturas, ameaças e guerras. Há um movimento de aceitação e naturalização da violência no contexto brasileiro, apontam sociólogos, e este movimento de violência “tem um papel constitutivo” (GINZBURG, 2012, p. 305), implicando na elaboração e solidificação de princípios que regem os valores políticos no Brasil.

Drummond evidencia esse caráter constitutivo da violência na formação e organização social do Brasil. A crítica do poeta a esse movimento, segundo Ginzburg (2012, p. 305), está “na contrariedade às atitudes do pensamento conservador e, ao mesmo tempo, na elaboração melancólica da dificuldade de subverter o processo e transformar as coisas”. O poeta se afasta das concepções totalizantes de um regime, e essa ruptura pode ser entendida, em perspectiva adorniana, como um caminho estratégico para se opor à hostilidade. A consciência política, o engajamento social e a percepção de um presente negativo tornam-se matéria que o poeta mineiro assimila e transfigura em *A Rosa do Povo*.

Distanciando-se das ideologias autoritárias de seu período, utilizando a fragmentação da forma, o uso inusitado das metáforas, e elaborada do ponto de vista melancólico que, conforme alguns críticos literários, é um meio de mostrar a precariedade do sujeito inserido nesse contexto conflitivo, a obra de Drummond “apresenta, em seu interior, a formulação de problemas referentes à opressão em regimes autoritários, à frustração com o estado de coisas no ocidente e à situação problemática do país” (GINZBURG, 2012, p. 309). O que encontramos em vários poemas que compõem *A Rosa do Povo* é a construção de sujeitos líricos findados na impossibilidade de plenitude.

Na concepção adorniana, o horror da Segunda Guerra Mundial, um dos momentos de maior aniquilação humana da história, não permite a possibilidade de sujeito pleno. Isso ocorre porque essa plenitude “seria incongruente com o horror presenciado na guerra. São contrariadas expectativas de expressão totalizante, de sentido pleno, de unidade expressiva afirmativa de uma identidade” (GINZBURG, 2012, p. 152). Pensando a obra de Drummond a partir da perspectiva adorniana, pode-se compreender a fragmentação e a incompletude do sujeito lírico em vista das condições precárias de sua constituição no contexto de modernidade brasileiro.

Alguns aspectos são utilizados por Drummond na construção de seus poemas para caracterizar esse sujeito lírico incompleto, ao mesmo tempo dotado de consciência crítica frente a esse contexto autoritário, como por exemplo: a melancolia, a fragmentação, o impasse, a ironia, a negatividade, o choque, a ruptura temporal, o medo, a limitação, a morte, a ruína, a angústia, a utopia, a resistência, entre outros. Na concepção de Ginzburg (2012, p. 152), a estratégia de voltar para esses aspectos “permite manter a tensão historicamente crucial que

pauta as relações entre indivíduo e história. A linguagem poética renuncia à expressão e se volta negativamente, seguindo uma forma brutal de “razão antagônica” para a exposição de seus próprios impasses”. O poeta mineiro faz uso de diversas estratégias discursivas para sinalizar a precária construção psíquica e social do sujeito lírico na ‘modernidade’, propondo reflexões sobre o impacto gerado pela opressão política e social na vida desse sujeito.

Ginzburg (2012, p. 316) acrescenta que encontramos em *A Rosa do povo*

[...] imagens do indivíduo que não consegue agir, da dificuldade de se relacionar com a expressão linguística, da fragmentação das referências, da presença constante de sinais de destruição e morte. Nesse contexto, a fragilidade se vincula ao medo [...]. A vulnerabilidade se associa com o processo de modernização social, que se fortalece nesse período, tendo como consequência uma forma nova e assustadora de desumanização e reificação.

Percebe-se que Drummond se utiliza de várias formas para representar a incompletude e precariedade de seus sujeitos líricos. Estes voltam a consciência para a sua condição fragmentada. Jutgla (2008, p. 67), seguindo a mesma perspectiva de Ginzburg, acrescenta que essas configurações “formatam um impasse do sujeito frente a um mundo ameaçador que se lhe apresenta estranho [...]; deixa-o inseguro quanto à possibilidade de resistir ao *status quo* [...] e leva a voz lírica a interrogações acerca dos fatos que se passam a sua frente”. Nesse contexto, as estratégias de resistência criadas pelo autor reafirmam um movimento de reflexão e crítica na sua produção, principalmente no que se refere ao (não) lugar do sujeito no mundo moderno e capitalista.

Marcas da impossibilidade de plenitude e da fragmentação do sujeito podem ser observadas em vários poemas, a exemplo: “Nos Áureos Tempos” deixa entrever um novo tempo que chega, tempo de horror (É tempo de meio silêncio,/ de boca gelada e murmúrio.); O desgaste e a perda podem ser observados em “Resíduo” (De tudo ficou um pouco./ Do meu medo. Do teu asco.); “Notícias” expõe os impasses do contexto histórico (Entre mim e os mortos há o mar); A negatividade é matéria do “Nosso Tempo” (Este é tempo de partido./ tempo de homens partidos). “O medo”, como o próprio título sugere, é sentimento que ascende dentro daquele contexto (E fomos educados para o medo./ Cheiramos flores do medo. Vestimos panos de medo.).

O diálogo dos sujeitos com o contexto histórico é permanente. Ginzburg (2012, p. 312) comenta que “o senso de dissolução fragmentária da experiência e a constante elaboração de temas sob perspectiva melancólica [...] podem estar associados à necessidade de formular uma concepção de poesia e uma linguagem poética compatíveis com a presença de opressão e de

frustração na experiência representada”, no caso, o contexto autoritário. Nesse sentido, a linguagem particular de Carlos Drummond de Andrade implica o diálogo com a experiência vivenciada. Ginzburg (2012, p. 338) acrescenta que

Ao elaborar coleções de imagens que propõem o senso de limite e o esvaziamento de referenciais humanos na experiência vivida, Drummond interioriza, de maneira descontínua, o colapso de referenciais de seu tempo. Como impacto de violência, de autoritarismo e da intensa e sistemática repressão, o sujeito tem sua relação com o mundo ironicamente atingida pela tragédia do limite que tudo implode, desarticula e degrada.

Diante disso, é possível afirmar que, em um ambiente repressivo e limitado, os sujeitos líricos em *A Rosa do Povo* deixam entrever um espaço sem caminhos para recuperação. Observa-se, diante do impacto gerado pelos regimes autoritários e da construção de sujeitos líricos sob perspectiva melancólica, que o livro expõe um “horizonte marcado pela incerteza do futuro” (GINZBURG, 2012, p. 311). Assinalados pelo senso de limite dentro de um processo de modernização, os sujeitos drummonianos, incompletos e fragmentados, dialogam com o horizonte sem expectativas de plenitude.

Dentro dessas reflexões, é perceptível que o impacto da guerra, em suas dimensões sociais, físicas e psicológicas, afasta qualquer possibilidade de idealismo existencial. Ocorre o contrário. Os sujeitos líricos de Drummond interiorizaram o mal-estar provocado pelo regime autoritário, pela guerra e pela violência sistemática. As diversas imagens negativas, como a ruína, a violência, o medo, o desgaste, evidenciam as perdas do sujeito nesse contexto, bem como suas consequências. “Em tempo de desumanização, a linguagem se afasta da comunicabilidade direta, convertendo a lírica em experiência de percepção do esgotamento” (2012, p. 334), acrescenta Ginzburg.

O contexto em *A Rosa do Povo* não “constitui sujeitos plenos, [...] não realiza sínteses coletivas harmoniosas em seu processo de modernização; pelo contrário, sua vida política reforça constantemente a inumanidade e a reificação” (GINZBURG, 2012, p. 298). Na obra de Drummond, a fragmentação da forma, a perspectiva melancólica, as expressões negativas, os vários pólos temáticos, o uso das metáforas e a não linearidade são utilizados como recursos para expor a constituição precária de um sujeito lírico dentro desse contexto autoritário representado pelo Estado Novo, pela Segunda Guerra Mundial, e, posteriormente, pela Ditadura Militar.

3 (DES) COSTURANDO O VESTIDO: UMA DENÚNCIA DA CONDIÇÃO FEMININA

Antes de iniciarmos a análise, façamos a leitura do poema drummoniano “Caso do Vestido”, *corpus* de nossa pesquisa, para melhor compreensão das reflexões que serão construídas posteriormente. Iniciemos.

CASO DO VESTIDO

Nossa mãe, o que é aquele
vestido, naquele prego?

Minhas filhas, é o vestido
de uma dona que passou.

Passou quando, nossa mãe?
Era nossa conhecida?

Minhas filhas, boca presa.
Vosso pai evém chegando.

Nossa mãe, disse depressa
que vestido é esse vestido.

Minhas filhas, mas o corpo
ficou frio e não o veste.

O vestido, nesse prego,
está morto, sossegado.

Nossa mãe, esse vestido
tanta renda, esse segredo!

Minhas filhas, escutai
palavras de minha boca.

Era uma dona de longe,
vosso pai enamorou-se.

E ficou tão transtornado,
se perdeu tanto de nós,
se afastou de toda vida,

se fechou, se devorou,

chorou no prato de carne
bebeu, brigou, me bateu,

me deixou com vosso berço,
foi para a dona de longe,

mas a dona não ligou.
Em vão o pai implorou.

Dava apólice, fazenda,
dava carro, dava ouro,

beberia seu sobejo,
lamberia seu sapato.

Mas a dona nem ligou.
Então vosso pai, irado,

Me pediu que lhe pedisse,
a essa dona tão perversa,

Que tivesse paciência
e fosse dormir com ele...

Nossa mãe, por que chorais?
Nosso lenço vos cedemos.

Minhas filhas, vosso pai
chega ao pátio. Disfarcemos.

Nossa mãe, não escutamos
pisar de pé do degrau.

Minhas filhas, procurei
aquela mulher do demo.

E lhe roguei que aplacasse
de meu marido a vontade.

Eu não amo teu marido,
me falou ela se rindo.
Mas posso ficar com ele

se a senhora fizer gosto,

só pra lhe satisfazer,
não por mim, não quero homem.

Olhei para vosso pai,
os olhos dele pediam.

Olhei para a dona ruim,
os olhos dela gozavam.

O seu vestido de renda,
de colo mui devassado,

mais mostrava que escondia
as partes da pecadora.

Eu fiz meu pelo-sinal
me curvei... disse que sim.

Saí pensando na morte,
Mas a morte não chegava.

Andei pelas cinco ruas,
Passei ponte, passei rio,

Visitei vossos parentes,
não comia, não falava,

Tive uma febre terçã,
mas a morte não chegava.

Fiquei fora de perigo,
fiquei de cabeça branca,

perdi meus dentes, meus olhos,
costurei, lavei, fiz doce,

minhas mão se escalavraram,
meus anéis se dispersaram,

minha corrente de ouro
pagou conta de farmácia.
Vosso pai sumiu no mundo.

O mundo é grande e pequeno.

Um dia a dona soberba
me aparece já sem nada,

Pobre, desfeita, mofina,
com sua trouxa na mão.

Dona, me disse baixinho,
não te vosso marido,

Que não sei onde ele anda.
Mas te dou este vestido,

última peça de luxo
que guardei como lembrança

daquele dia de cobra
da maior humilhação.

Eu não tinha amor por ele,
ao depois amor pegou.

Mas então ele enjoado
confessou que só gostava

de mim como eu era dantes.
Me joguei a suas plantas,

fiz toda sorte de denego,
no chão rocei minha cara,

me puxei pelos cabelos,
me lancei na correnteza,

me cortei de canivete,
rezei duzentas novenas,

dona, de nada valeu:
vosso marido sumiu.

Aqui trago minha roupa
que recorda meu malfeito
de ofender dona casada

pisando no seu orgulho.

Recebi este vestido
e me daí vosso perdão.

Olhei para a cara dela,
quede os olhos cintilantes?

quede graça de sorriso,
quede colo de camélia?

quede aquela cinturinha
delgada como jeitosa?

quede pezinhos calçados
com sandálias de cetim?

Olhei muito para ela,
boca não disse palavra.

Peguei o vestido, pus
nesse prego da parede.

Ela se foi de mansinho
e já na ponta da estrada

vosso pai aparecia.
Olhou para mim em silêncio,

mal reparou no vestido
e disse apenas: Mulher,

põe mais um prato na mesa.
Eu fiz, ele se assentou,

comeu, limpou o suor,
era sempre o mesmo homem,

comia meio de lado
e nem estava mais velho.

O barulho da comida
na boca me acalentava,
me dava uma grande paz

um sentimento esquisito

de que tudo foi um sonho,
vestido não há... nem nada (ANDRADE, 1991).

Em sua tese, “Lírica e autoritarismo em *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade”, Jutgla (2008) realiza um levantamento da fortuna crítica drummoniana em torno de *A Rosa do Povo* e constata que entre os críticos há uma predileção por poemas que apresentam características diretamente ligadas ao contexto sócio-histórico das décadas de 1930 e 1940, como por exemplo, “O medo”, “Nosso tempo” e “A flor e a Náusea”. Outros poemas que não apresentam menção direta ao contexto de produção não aparecem com frequência em grande parte da fortuna crítica, a exemplo de “Morte do leiteiro”, “Morte no avião” e “Caso do vestido”. Diante disso, é possível inferir que estes últimos poemas situados não são considerados em relação ao contexto autoritário de sua produção.

Entretanto, seguindo a mesma perspectiva de Jutgla, entendemos que a exposição das relações de poder e submissão que pautam sobre o par homem/mulher no poema “Caso do Vestido” constitui um meio significativo de evidenciar as relações desiguais e os problemas de formação social que permeiam o contexto brasileiro. “Caso do Vestido” é elaborado sob uma amplitude interpretativa e põe em evidência o fato de que as relações sociais não acompanharam a modernidade e o desenvolvimento capitalista, ao contrário disso, mantêm-se conservadoras. O poema trata, aparentemente, das relações e dos conflitos cotidianos que regem o espaço familiar, mas pode ser entendido como uma alegoria para mostrar o contexto autoritário, o pensamento conservador e a formação sócio-histórica da figura feminina nos espaços sociais.

No que diz respeito aos aspectos formais do poema, em linhas gerais, este se caracteriza por sua regularidade métrica, com 150 versos heptassilábicos e 75 dísticos, desenvolvendo-se seguindo uma estrutura rítmica dramática, principalmente pelo recurso da gradação. A maioria dos poemas que compõe *A Rosa do Povo* é construída em versos brancos e livres, ao contrário do “Caso do Vestido”. A isso deve ser dada atenção, uma vez que o conteúdo dramático, tenso e violento do poema implicaria uma ‘explosão’ e transformação nas suas configurações formais. Entende-se não ser à toa a escolha de Drummond pela forma fixa, uma vez que este é por excelência um poeta de versos livres.

“Caso do Vestido” se aproxima de recursos utilizados na poesia de expressão popular, no caso, a composição em redondilha maior com constante acentuação na terceira sílaba, característica típica da literatura de cordel e das cantorias. Introduzindo artifícios típicos da

tradição oral em sua composição, o poema “obedece a padrões estabelecidos na tradição popular, cuja rigidez formal procura preservar a transmissão do ‘caso’” (LIMA, 1995, p. 85). Marca dessa oralidade pode ser destaca no verso que dá início ao relato da mãe: “Minhas filhas, escutai/palavras de minha boca”.

Tem-se o ritmo e a linguagem marcados e controlados em toda a extensão do poema, principalmente pelo uso da pontuação, a vírgula em especial. Disso, é possível constatar que a escolha por uma das formas tradicionais do texto poético implica demarcar o lugar que o sujeito lírico, no caso, a mulher, assume no espaço familiar, “é como se na limitação do verso e da estrofe se concretizassem, na forma, os limites possíveis de enunciação do sujeito lírico” (JUTGLA, 2008, p. 91). O limite é a lei que rege a figura feminina no contexto do “Caso do Vestido”. Mais do que isso, a escolha pela forma fixa pode ser entendida aqui em uma relação na qual o ciclo biológico, composto por pai, mãe e filhas no contexto familiar, é pautado pela previsibilidade e estabilidade dos movimentos naturais, sugerindo esse ciclo biológico, e, respectivamente, a forma fixa do poema, como algo estável, duro, imutável, não fluído e eterno.

A problemática da desigualdade de gênero em uma sociedade marcada pela voz ascendente masculina é matéria social que Drummond assimila e transfigura. O poeta mineiro exhibe esse comprometimento de denúncia e crítica social no “Caso do Vestido”, o qual é construído sob uma visão crítica e reflexiva de um cotidiano privado, que muitas vezes se apresenta alheio ao mundo público. De caráter narrativo, “Caso do Vestido” conta a história de uma mulher, representada na figura de mãe dedicada e esposa traída, que narra às filhas a infidelidade do marido, o qual abandona o lar para partir com outra. A história se inicia quando as filhas perguntam à mãe sobre a origem do vestido que estava pendurado em um prego, bem como da resistência da mesma em narrar o ocorrido. De início, é possível observar que se estabelece uma tensão. As indagações das filhas, a resistência da mãe e a tensão que se instaura podem ser observadas nas primeiras sete estrofes:

Nossa mãe, o que é aquele
vestido, naquele prego?

Minhas filhas, é o vestido
de uma dona que passou.

Passou quando, nossa mãe?
Era nossa conhecida?

Minhas filhas, boca presa.

Vosso pai evém chegando.

Nossa mãe, dizei depressa
que vestido é esse vestido.

Minhas filhas, mas o corpo
ficou frio e não o veste.

O vestido nesse prego,
está morto, sossegado.

Observa-se que a mãe tenta cessar a curiosidade das filhas, respondendo-lhes, mas de modo evasivo. É possível afirmar que a resistência para narrar a história é acompanhada pelo medo do pai, figura autoritária, chegar e ouvir, uma vez que, os versos “minhas filhas, boca presa./Vosso pai evém chegando.” revelam a necessidade que ela tem de se manter em silêncio, de não recordar a história, ao mesmo tempo em que põe em evidência a dificuldade de reviver o sofrimento, a dor e a violência dos quais fora vítima. Essa dificuldade é endossada pelos versos “Minhas filhas, é o vestido/de uma dona que passou”; “O vestido nesse prego,/está morto, sossegado”, dando a ideia de um caso encerrado, resolvido, que não há necessidade de rememorar, ao mesmo tempo em que sugere o acontecido como algo irreversível, pois, temporalmente, a história já aconteceu. A irreversibilidade do acontecido, se sabe, é um recurso estrutural do gênero trágico.

Drummond caracteriza os personagens no poema de acordo com a função que estes assumem nas relações sociais. Isso pode ser verificado na escolha lexical feita pelo autor para sinalizar os sujeitos no “Caso do Vestido”. “Mãe” é o termo mais recorrente no poema para fazer referência ao sujeito lírico, sendo substituído em duas ocasiões, uma por “mulher”, quando recebe a ordem do marido, e outra por “dona casada” em diálogo com a “mulher do demo”, no caso, a amante. A figura masculina recebe várias denominações ao longo do poema, como por exemplo, “pai”, “homem” e “marido”, demarcando a função social que este assume no seio familiar e fora dele. “Minhas filhas” reafirmam o caráter materno do sujeito lírico dentro do contexto familiar.

Dentro dessa conjuntura, temos a mãe, limitada e passiva às condições que a sociedade lhe impõe, as filhas, que apresentam um gradativo interesse em descobrir o mistério em torno do vestido, a “mulher do demo”, caracterizada pelo afastamento em relação aos valores morais estabelecidos pela sociedade (típica pecadora) e o marido, marcado por sua flexibilidade diante dos valores formulados. Entende-se não ser à toa a recorrência do termo “Mãe” ao longo poema,

ao que parece, há uma tentativa do poeta mineiro em evidenciar a única possibilidade de existência da figura feminina naquele contexto familiar.

Diante disso, parece interessante situar o que nos diz Simone de Beauvoir (2009, p. 646) sobre a figura materna. A socióloga comenta que “é pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação “natural”, porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie”. A mulher, dentro desse contexto, encontra-se encerrada no espaço do lar, imersa na função de dona de casa, mãe e esposa, com poucas vias de contestação dessa condição e sem meios de afirmar sua identidade, conjuntura essa que formata a ‘emancipação’ da figura feminina. Essa é a configuração do sujeito lírico no poema “Caso do Vestido”. A função “natural” da mulher, destinada a ser esposa, mãe e dona do lar, dentro de um ciclo fechado, parece reafirmar a opção de Drummond pela forma fixa.

Há um contraponto dramático que costura o poema, remetendo ao velho par opositivo que norteia a construção da identidade feminina, no caso, a mulher virtuosa e a mulher pecadora. A caracterização desta última pode ser observada nos seguintes versos: “Minhas filhas, procurei/aquela mulher do demo”, “O seu vestido de renda,/de colo mui devassado,”, “mais mostrava que escondia/ as partes da pecadora.”. A sexualidade é aspecto negado na constituição da boa esposa e mãe, não havendo nenhuma menção, ao contrário disso, a amante é adjetivada em relação as suas características sensuais. No poema, a “mulher do demo” é aquela que não tendo família flutua sem encaixe na estrutura social, e, no lado oposto, no horizonte do ideário feminino, tem-se a mulher representada no modelo de virtuosidade, aquela que ainda traída, obedece à vontade do marido.

Acerca da construção desse par opositivo, é importante colocar que

Por um lado, pintam-nas todas como destinadas a serem boas mães, seguindo o exemplo da Virgem Maria, naturalmente zelosas com seus filhos e com a casa, obedientes ao extremo a seus maridos e pais, e por “natureza”, sendo assexuadas e abstênicas. [...] Uma mulher sem família, sem pai, marido e filhos é um ser “não humano” e antinatural, ameaçador à ordem vigente (ROBERTS, 1998, p. 80).

Diante dessa perspectiva, entende-se que, tradicionalmente, a mulher é preparada e destinada para o lar, para o casamento e para os filhos, e, conforme pode ser observado no trecho acima, quando essa ordem não é seguida a mulher é tida como “antinatural”, não havendo espaço de aceitação no contexto social. Entretanto, é preciso entender que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” (BEAUVOIR, 2009, p. 361), e, tendo isso em

vista, é possível afirmar que a construção da identidade feminina foi definida sócio e historicamente pela civilização ao longo dos anos.

Durante muito tempo, o destino da mulher foi traçado para servir a figura masculina e garantir a perpetuação da espécie, condição essa alimentada desde o convívio com os pais. Simone de Beauvoir acrescenta que “ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor” (2009, p. 432). A constituição do homem e da mulher na sociedade sempre foi estabelecida por meio de uma “rígida divisão de papéis, tarefas e espaços” (PERROT, 2015, p. 111), e a leitura do poema de Drummond permite tecer essas reflexões sobre o papel que a mulher assume nas relações sociais.

Seguindo com a análise do poema, há outro aspecto que merece destaque. Como pode ser observado nas estrofes que seguem, o sujeito lírico no “Caso do Vestido” possibilita entrever que o mesmo tem consciência do poder e da autonomia da figura masculina na estruturação familiar, uma vez que as imagens de violência física e psicológica sofrida e a aceitação pacífica disso, já que em nenhum momento do poema há contestação e relutância por parte da mulher diante da situação, permitem fazer essa constatação, vejamos como isso se constrói:

Era uma dona de longe,
vosso pai enamorou-se.

E ficou tão transtornado,
se perdeu tanto de nós,

Se afastou de toda vida,
se fechou, se devorou,

chorou no prato de carne,
bebeu, brigou, me bateu,

me deixou com vosso berço,
foi para a dona de longe,

Se levarmos em consideração a manutenção dos papéis sociais no contexto familiar brasileiro no período de produção de *A Rosa do Povo*, marcado principalmente pelo domínio e pela submissão, é possível verificar que esse movimento se materializa na forma do poema drummoniano. A forma fixa do poema e a rigidez enunciativa do sujeito lírico, sempre no mesmo tom e no mesmo ritmo e sem espaços para ‘explosões’, aliada aos versos “Minhas filhas,

boca presa./Vosso pai evém chegando.”, “Minhas filhas, vosso pai/chega ao pátio. Disfarçemos.” e “Minhas filhas, eis que ouço/vosso pai subindo a escada.”, endossa o poder da figura paterna, e, ao que parece, narrar a história é conscientizar as filhas das práticas autoritárias do homem no seio familiar e nos demais espaços sociais, bem como a desigualdade que paira sobre as relações de gênero.

“Caso do Vestido” alcança seu ápice dramático quando a mulher, na tentativa de salvar seu casamento e restabelecer a ordem familiar, se humilha e procura a “mulher do demo” para lhe pedir que dormisse com o marido, saciando-lhe o desejo. Ingênuo seria acreditar que a razão para tal ato se constitui pelo viés amoroso, ocorre o contrário. Levando em consideração que “o destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento” (BEAUVOIR, 2009, p. 548), sendo este a ‘concretização’ da emancipação feminina na sociedade, e que no poema o fato de humilhar-se à “mulher do demo” reflete o aniquilamento da feminilidade e da autoestima, subentende-se que esse movimento ocorre devido ao contexto autoritário que se concretiza na ordem da figura masculina e na submissão da mulher. A passagem que segue evidencia isso:

Me pediu que lhe pedisse,
a essa dona tão perversa,

Que tivesse paciência
e fosse dormir com ele...
[...]

Minhas filhas, procurei
aquela mulher do demo

E lhe roguei que aplacasse
de meu marido a vontade.

Eu não amo teu marido,
me falou ela se rindo.

Mas posso ficar com ele
se a senhora fizer gosto,

só pra lhe satisfazer,
não por mim, não quero homem.

Olhei para vosso pai,

os olhos dele pediam.

[...]

Eu fiz meu pelo-sinal

me curvei... disse que sim.

A sexualidade sempre se apresentou de forma diferente para homens e para mulheres no contexto brasileiro. A historiadora Del Priore (1994) escreve que durante muito tempo a Igreja Católica, ligada ao Estado, estabeleceu argumentos ideológicos que sustentavam as relações na sociedade, exercendo controle sobre ela. Dentro desse contexto, no que concerne ao matrimônio, Del Priore acrescenta que era obrigação da mulher zelar pelo seu casamento, ser honrosa e fiel, no entanto, ao homem era dado o direito de saciar seus ímpetos sexuais fora do matrimônio, sem contestação. Essas práticas, legitimadas pelo discurso religioso, se desdobraram nos segmentos sociais, políticos e culturais ao longo dos anos, corroborando na formação de uma sociedade machista. No “Caso do Vestido”, o sofrimento do sujeito lírico decorre dessa prática normatizada.

O poeta mineiro, com grande genialidade, demonstra a desigualdade que paira sobre as relações humanas, demarcando as bases autoritárias da formação política e social brasileira e evidenciando as poucas possibilidades de se estabelecer relações mais igualitárias e justas. No “Caso do Vestido”, em especial, tem-se um confronto desigual entre o gênero masculino e o gênero feminino, principalmente no que diz respeito às relações dentro do contexto familiar. Beauvoir (2009, p. 548) escreve que “o casamento sempre se apresentou de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher. Ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade”. Ao contrário disso, o homem sempre foi considerado o indivíduo autônomo, superior e completo, e a mulher, durante muito tempo, considerada a partir de caráter genitor, a serviço da casa e enquanto objeto sexual de seu marido.

Del Priore (1994, p. 27) escreve que no Brasil “adestrar a mulher fazia parte de um processo civilizatório” e seu comportamento era regido por regras que vigoravam nesse período. A sexualidade, por exemplo, sempre esteve sob controle, primeiro pelos pais e depois pelo marido e pelos discursos moralizantes da Igreja, diferente da figura masculina. Couto & Schraiber (2013, p. 60) endossam que “caberia ao homem o lugar de provedor moral e material da família, ao passo que às mulheres caberia o cuidado da casa e da família, bem como subordinar sua sexualidade ao controle do homem” A relação de gênero no contexto brasileiro,

em linhas gerais, nunca implicou uma relação igualitária, mas ao contrário disso, esta é pautada na dominação, assentada na ideologia patriarcal.

No poema drummoniano em análise, é possível observar que há uma discrepância quanto à liberdade sexual entre os dois gêneros. Ao homem é permitido desejar outra mulher, se apaixonar, ter suas relações extraconjugais, abandonar casa e família e, até mesmo, se desfazer de seus bens materiais e se humilhar à “mulher do demo” para satisfazer seus desejos, conforme podemos observar nos seguintes versos: “Dava apólice, fazenda,/dava carro, dava ouro,”, “beberia seu sobejo,/ lamberia seu sapato.”. No entanto, ao longo do poema não há nenhum questionamento ou censura quanto às suas ações e atitudes. A liberdade masculina dentro do contexto familiar e social implica, no “Caso do Vestido”, a redução da voz, do espaço e do horizonte feminino.

No que diz respeito a essa liberdade sexual que se apresenta de modo diferente para o homem e para a mulher, é importante situar o que nos diz Simone de Beauvoir (2009, p. 484). A autora comenta que

O “destino anatômico” do homem é, pois, profundamente diferente do da mulher. Não é menos diferente a situação moral e social. A civilização patriarcal destinou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito de satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento: para ela, o ato carnal, não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; se “cai”, suscita o desprezo.

Ao longo dos anos, a sociedade moldou culturas, valores, práticas e costumes que colocaram a mulher, no plano das relações sociais, em um patamar inferior. Não foi diferente com a vida sexual. “Por prudência, o homem obriga a esposa à castidade, mas não se satisfaz com o regime que lhe impõe” (BEAUVOIR, 2009, p. 733), e a esta cabe aceitar, respeitar e agir de acordo com os valores estabelecidos pela sociedade machista, patriarcal e regida pelos ‘bons’ costumes na qual está inserida. É possível colocar que muitos desses valores estabelecidos no poema são calcados na prática religiosa, principalmente o catolicismo, uma vez que alguns termos utilizados pelo sujeito lírico ao longo do “Caso do Vestido”, como por exemplo: “mulher do demo”, “pelo-sinal”, “lhe roguei” e “partes da pecadora”, permitem inferir essa assertiva. À medida que há a demonização da amante, a dignidade da mulher, destruída em nome dos anseios do marido, é posta em evidência, e, dentro desse contexto, temos, conforme situado anteriormente, o par opositivo mulher virtuosa/mulher pecadora que costura a identidade feminina.

Nas estrofes que seguem é possível observar a *via crucis* vivenciada pela mulher após o abandono do marido:

Sai pensando na morte,
mas a morte não chegava.
[...]

visitei vossos parente,
não comia, não falava,

tive uma febre terçã,
mas a morte não chegava.

Fiquei fora de perigo,
fiquei de cabeça branca,

perdi meus dentes, meus olhos,
costurei, lavei, fiz doce,

minhas mãos se escalavraram,
meus anéis se dispersaram,

O resultado da violência física e do trauma psicológico se materializa no padecimento do corpo do sujeito lírico, aqui o sofrimento é elevado ao ponto de desejar a morte, enxergando-a como único caminho de salvação. Em seguida, percebe-se que esse sofrimento não se restringe à mulher casada, pois a amante, logo após que se apaixona pelo homem, é abandonada e padece da mesma dor, isso pode ser constatado nos seguintes versos: “fiz toda sorte de dengo,/no chão rocei minha cara,” “me puxei pelos cabelos,/me lancei na correnteza,” “me cortei de canivete,/me atirei no sumidouro,” “bebi fel e gasolina,/rezei duzentas novenas,”. A dor e a humilhação vividas pelas mulheres endossam o poder que a voz masculina exerce sobre elas, ao mesmo tempo em que promovem um determinado tipo de aproximação e afinidade entre as duas. Vejamos mais alguns versos:

Aqui trago minha roupa
que recorda meu malfeito

de ofender dona casada
pisando no seu orgulho.

Recebi esse vestido
e me daí vosso perdão,

Conforme pode ser observado, a amante reaparece para desculpar-se, trazendo no corpo as marcas do tormento, como mostra o verso “pobre, desfeita, mofina,/ com sua trouxa na mão.”, oferecendo o vestido, objeto sobre o qual se desenvolve a narrativa, como forma de se redimir. Não há uma resposta verbal por parte da mulher, mas esta pega o vestido e pendura-o no prego da parede, ato que deixa subentendido um possível perdão. Nesse contexto, o vestido é entendido como metáfora, recurso por excelência da poesia, pois alcança o plano da representatividade da dor e da humilhação vividas pelas duas. Chama atenção o lugar no qual o vestido é colocado, uma vez que, se este representa a violência sofrida, a tendência humana é esquecer e evitar rememorar. Ao longo do “Caso do vestido” não há uma explicação para isso, mas acreditamos ser uma forma de reafirmar os lugares que cabem ao homem e à mulher. É possível inferir, ainda, que o vestido sugere a divisão de gênero, ao mesmo tempo em que aproxima a história da esposa e da amante.

Drummond, ao mostrar a assimetria entre o gênero masculino e o feminino no poema em análise, permite inferir que a violência física ou psicológica, conforme havia sido discutido brevemente no capítulo anterior, atua enquanto elemento constitutivo dentro do processo de formação política e social no Brasil, se materializando nas desigualdades e exclusões que formatam as práticas individuais e as relações sociais, sejam elas de gênero, raça ou classe social. A hegemonia masculina na sociedade brasileira “é fruto de processos históricos” (COUTO & SCHRAIBER, 2013, p. 53). No “Caso do Vestido”, em particular, embora a voz masculina em nenhum momento apareça ao longo do poema, as imagens formuladas pelo discurso do sujeito lírico permite entrever que a força do homem não fica restrita ao espaço familiar, mas essa se estende nos demais segmentos da sociedade, restando à mulher aceitar imersa em sua passividade, pois a elas restam atuar “em família, confinadas em casa” (PERROT, 2015, p. 16), com pouca visibilidade nos espaços públicos.

Aos últimos versos do poema deve ser dada atenção. Nestes são reafirmados o caráter autoritário do homem e a condição submissa da mulher nos espaços sociais, principalmente no que diz respeito ao seio familiar. Observemos:

vosso pai aparecia.
olhou para mim em silêncio,

mal reparou no vestido

e disse apenas: Mulher,

põe mais um prato na mesa.
Eu fiz, ele se assentou,

comeu, limpou o suor,
era sempre o mesmo homem,

comia meio de lado
e nem estava mais velho.

O barulho da comida
na boca me acalentava,

me dava uma grande paz
um sentimento esquisito

de que tudo foi um sonho,
vestido não há... nem nada.

O autoritarismo masculino e a subserviência da mulher alcançam, nesta parte final do “Caso do Vestido”, o ponto máximo. O marido retorna a casa, mas ao contrário do que se espera, não há um diálogo, explicação ou pedido de desculpas diante da situação violenta e humilhante a qual submeteu sua mulher. Ao invés disso, uma ordem é dada e atendida prontamente, e o fato dele estar de volta eleva a mulher a um estado de paz e harmonia. Nesse contexto, os erros não se sobressaem diante da relevância imperiosa de manter os papéis sociais, a ordem familiar e, principalmente, o casamento, pois somente ele ‘permite’ “à mulher atingir a sua integral dignidade social” (BEAUVOIR, 2009, p. 432).

No contexto brasileiro, a violência doméstica, seja ela física ou psicológica, assume um caráter constitutivo na relação entre homem e mulher, e, conforme nos explica Bandeira (2013, p. 64), “esta indica uma experiência específica centrada na conversão de diferenças e de assimetrias em uma relação hierárquica de desigualdade, gerando práticas de dominação, exploração e opressão”. Essa violência foi vista, aceita e reconhecida publicamente durante muito tempo como um costume ‘natural’ das relações no contexto familiar. O espaço doméstico é entendido como o lugar no qual parece prevalecer o amor, as relações cúmplices e os elos afetuosos, entretanto, como bem nos lembra Bandeira (2013, p. 65), “é lá que a violência atinge índices assustadores”.

São relações de dominação e subordinação identificadas desde o período colonial e escravocrata e que se desdobram em diversas modalidades, alimentando relações assimétricas e marcando diferenças de gênero, cor, classe social e outros. Nas relações familiares, por exemplo, “uma das partes perde autonomia por meio da coerção ou do controle, sendo privada de manifestar sua vontade, submete-se ao desejo e à vontade de outro (do homem), onde estão presentes a desigualdade e a submissão e, portanto, a violência” (BANDEIRA, 2013, p. 69-70). São relações violentas geradas no interior do seio familiar que alimentam o abuso de poder por um lado e a dependência de outro.

Diante dessas reflexões, entendemos que o poema drummoniano “Caso do Vestido” é revestido de um discurso literário denunciativo da condição submissa da mulher e da dominação patriarcal. O poeta mineiro faz desse poema um instrumento de denúncia, reflexão social e existencial que permeia a identidade feminina no contexto brasileiro. Mais que isso, pois, tomando esse poema como uma alegoria, é possível constatar que o autoritarismo, a violência, a exclusão, a desigualdade e a submissão são aspectos que caracterizaram (e caracterizam) os espaços e as relações sociais no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi a partir da leitura do poema drummoniano “Caso do Vestido”, publicado no livro *A Rosa do Povo*, e pensando a condição da mulher ali representada que este trabalho teve como objetivo analisar de que modo se constrói a identidade feminina no mesmo. No primeiro capítulo desta pesquisa, intitulado “*A Rosa do Povo: algumas considerações sobre a escrita de compromisso de Drummond*”, objetivou-se tecer reflexões sobre os aspectos político-sociais que regem a obra do poeta, onde ao final foi possível inferir que a sua composição guarda tensões com o contexto de sua produção, no caso, o autoritarismo do Estado Novo no Brasil e o impacto gerado pela Segunda Guerra Mundial. As marcas da violência, do autoritarismo e da segregação advindos desse período encontram ressonância na condição fragmentada dos sujeitos líricos drummonianos. No segundo capítulo, intitulado “(Des) Costurando o Vestido: uma denúncia da condição feminina”, foi realizada a análise de nosso *corpus* e constatou-se que a figura feminina no contexto familiar desse poema é desenhado sob a passividade e obediência à figura masculina.

No “Caso do Vestido”, Carlos Drummond de Andrade toma como matéria de trabalho a desigualdade que formata as relações de gênero, principalmente no contexto familiar. O escritor mineiro põe em evidência, através de uma poesia artístico-social, a posição autoritária e privilegiada do homem nos diversos segmentos que compõe a sociedade, bem como a condição submissa da mulher. Temos uma caracterização feminina demarcada sócio e historicamente ao longo dos anos, caracterizando-a como “o segundo sexo”, conforme bem nos lembra a socióloga Simone de Beauvoir. O casamento, o lar e a família são representados no poema como a única forma de ‘emancipação’ da mulher, e fora desse contexto a sociedade não abre espaços de aceitação e respeito. Trata-se de uma conjuntura que durante muito tempo permaneceu engessada nesse formato, inclusive na sociedade brasileira nas décadas de 1930 e 1940, período de produção de *A Rosa do Povo*.

A formação social, política e cultural brasileira, conforme se pôde observar em algumas reflexões feitas no primeiro capítulo, tem sua base na violência, no autoritarismo, na exclusão, no preconceito e na segregação e isso se materializa nas relações individuais e sociais. Muito além das ponderações sobre a desigualdade de gênero, o “Caso do Vestido” nos permite uma amplitude interpretativa, mostrando que as desigualdades sociais não se restringem à conjuntura familiar, ao contrário, as mesmas se formatam e se materializam em inúmeras formas. Refletir sobre tudo isso é preciso para corroborar na criação de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

_____. *O Observador no Escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

ADORNO, Theodor. *Teoria Estética*. Lisboa: Martins Fontes, 1988.

_____. *Dialética Negativa*. Madrid: Taurus, 1982.

_____. Lírica e Sociedade. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1993.

BANDEIRA, Lourdes. A violência doméstica: uma fratura social nas relações vivenciadas entre homens e mulheres. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (Orgs). *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo*. Trad. Sérgio Milliet. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRAYER, Sonia (Org). *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978 (Coleção Fortuna Crítica).

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

_____. *Inquietudes na poesia de Drummond*. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 3ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. *O Anti-Semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COUTO, Márcia Thereza; SCHRAIBER, Lilia Blima. Machismo hoje no Brasil: uma análise de gênero das percepções dos homens e das mulheres. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (Orgs). *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

GINZBURG, Jaime. *Crítica em Tempos de Violência*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2012.

GLEDSON, John. *Poesia e Poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética*. Lisboa: Guimarães, 1993.

JUTGLA, C. A.S. Lírica e Autoritarismo em *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade. 2008. 154 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

LIMA, Mirella Vieira. *Confidência mineira: o amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Campinas, SP: Pontes; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Trad. Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2015.

PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

ROBERTS, Nickie. *As Prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Record/Editora Rosa dos Ventos, 1998.

SIMON, Iumna Maria. *Drummond: uma poética de risco*. São Paulo: Ática, 1978.